

**FP na WEB - Principais trechos críticos e comentários**

Pennacchi é uma figura emblemática de imigrante italiano; exuberante de valores humanos e espirituais, que sem nenhum desânimo soube suportar e superar as enormes dificuldades encontradas no seu primeiro impacto com uma sociedade diferente e a ele indiferente.

Sociedade que ele, como bom cristão, não renegou nem desprezou; pelo contrário, procurou entendê-la, e com força de vontade, nela inseriu-se, orgulhoso da sua identidade cultural, confiante de poder encontrar pontos comuns, sobre os quais assentar suas energias e desenvolver sua criatividade.

E o ponto em comum foi aquele dos valores humanos e espirituais das pessoas humildes e simples que, como ele, lutavam pela vida, e de todos aqueles que, através dos dons da própria condição social, os haviam transformado em meios de promoção humana.

**Padre Francesco Milini<sup>1</sup>, C.S.  
Abril, 1986.**

A lição mais valiosa sobre a boa pintura é a de concentrar-se no estudo consciente e disciplinado da natureza-morta.

**Fulvio Pennacchi**

---

<sup>1</sup> O Padre Francesco Milini foi, durante a década de 1940, o Superior Provincial (SP) da “Congregação dos Padres Scalabrinianos” (Congregação fundada por Monsenhor Scalabrini, beatificado por SS João Paulo II em 09.11.1997) e o grande animador e incentivador da construção da “Igreja de NS da Paz.”

“... o jovem e valoroso pintor italiano, ao contrário de outros, não dramatiza em tons violentos a obscura miséria dos homens, mas procura idealizá-la numa atmosfera superior, quase religiosa. Os operários e camponeses de Pennacchi não são revoltados contra o próprio destino nem contra ninguém... é um pintor religioso não porque gosta de pintar episódios sacros, mas por esse senso místico que transparece das suas composições sempre admiráveis na distribuição equilibrada e na técnica francamente moderna. ...ele pertence aos poucos que sabem confundir a materialidade da forma modernamente realizada numa atmosfera nova, irreal sem ser romântica, mística sem ser obediente a nenhuma convenção eclesiástica. ...um delicado poeta de vigorosa imaginação, um idealizador da vida anônima e simples, um artista que na plástica das figuras sabe admiravelmente interpretar os sentimentos íntimos dos personagens representados. Pennacchi constitui, assim, uma rara exceção no campo das artes, seu atelier e suas obras são um oásis repousante no caos da pintura contemporânea que nele conta uma das suas expressões mais completas, mais originais e mais sinceras.”

“... as pequenas obras, preciosidades que Pennacchi expôs nas Arcadas, foram muito admiradas e não foram poucos os pintores maduros e sérios que diante delas pararam e refletiram demoradamente... desenhadas com a nitidez comparável à de um escritor com larga capacidade descritiva, estas cenas campestres têm como componentes intrínsecos algo de antigo e muita intensidade realística onde a policromia dos céus, as curvas dos montes refletem uma aparência suficientemente mística e profunda a ponto de imaginarmos um mundo fecundado por um novo dilúvio que o fez renascer com maior harmonia e rutilo como se fosse o resultado de uma rajada de um cataclismo cósmico.”

**Franco Cenni, 1936.**

Em seguida, Pennacchi participa das três mostras da Família Artística Paulista (1937, 1939 e 1940), que, depois do I Salão de Maio, foram as mais importantes mostras coletivas de arte em nossa cidade — a de 1940 foi realizada no Rio de Janeiro. Mozart Firmeza inicialmente elogia a homogeneidade e equilíbrio desta última exposição para depois deixar um testemunho inequívoco sobre a importante participação de Pennacchi:

“... além de uma quantidade de magníficos desenhos, tão magníficos que se elevam à qualidade imponderável de arte ...suas composições nos seduzem não só pela matéria plástica como pela mística de decisiva comunicabilidade.”

Referindo-se ao mesmo período, Walter Zanini tece o seguinte comentário:

“...Pennacchi situa-se entre os artistas que conciliam fontes da pintura maior de outrora e controladas infusões da plasticidade moderna. Observou-se a importância da figura na sua obra. A própria paisagem funciona nele não como um ato estético em si, mas como plano cenográfico inseparável do ser que a povoa e transforma.

Suas composições com múltiplos personagens são uma herança toscana de formas e planos que constroem um espaço perspectico equilibrado. Resultam no principal do desenho ágil, mas ele faz prova também de sofisticados conhecimentos cromáticos e materiais... um contínuo e perfeccionista labor de muralista marcou a produção de Pennacchi, atraído pelo humanismo quatrocentista... Pennacchi singulariza-se, de um lado, pela influência definitiva que, quando jovem, recebera da antiga pintura toscana; e, de outro, por sua temática contrapontada entre assuntos sacros e profanos. A ênfase colocada na figura humana distingue-o, ainda, da maior parte dos santelenistas, mais dirigidos à paisagem. O elemento paisagístico tem nele importância, mas o artista reserva-o essencialmente para uma função de apoio.”

“...o Grupo Santa Helena, uma reunião espontânea de trabalhadores humildes, quase todos semi-operários da área da comunicação visual, inteiramente à margem do processo oficial e elitista em que se desenvolveu o modernismo brasileiro.”

Em um depoimento, o pintor Francisco Rebolo lembra que conheceu Pennacchi no Salão Paulista de Belas Artes em 1935:

“... eu desconhecia muita coisa sobre pintura. Pennacchi ensinou-me, então, até sobre arquitetura, pois ele tinha um aprendizado muito bom, feito na Itália, e pintava há muitos anos, desde antes de 1930... saíamos juntos para pintar paisagens do natural e, enquanto pintava, Pennacchi falava com muita humildade sobre sua pintura. Essa humildade ele conservou para sempre, contrastando com a grande presença e força de sua pintura.”

“...é a afirmação de uma grande personalidade. Seus quadros espirituais e expressivos constituem magníficas interpretações de estados de alma, especialmente do sentimento religioso.”

**A Gazeta, 1944.**

“...é digno de nota que nas naturezas-mortas apresentadas o exercício do claro-escuro preste um auxílio verdadeiramente notável. Com esse auxílio o pintor dá aos seus quadros, dentro de uma aderência de colorido, volume e desenho livre, uma profundidade plástica de maestria realmente admirável.”

**Quirino da Silva, 1944.**

“...é inegável, porém, que o artista sabe como poucos compor um quadro. E que se sente à vontade tanto nas grandes como pequenas composições. Não é nem de longe um pintor banal e, sim, um profissional que conhece bem seu instrumento de trabalho e que dele se serve com desembaraço e arte.”

**Ciro Mendes, 1944.**

“Fulvio Pennacchi é um artista bastante conhecido entre nós. A pintura mural afresco, de caráter religioso, foi por ele iniciada na Igreja da Paz. Essas famosas decorações bastam para imortalizar o nome do jovem pintor. ...muito embora a maioria de trabalhos de Pennacchi seja de caráter religioso, contudo, percebe-se que ele também sente nossas paisagens rurais com bastante emoção.”

**Doutor Osório César, 1944.**

“...a mais interessante é, sem dúvida, a do pintor Fulvio Pennacchi. Sobretudo pela nota que melhor a caracteriza, a alta espiritualidade das composições. Pennacchi é artista de talento e de grande personalidade. Não é um realista, preocupado em reproduzir a natureza tal como a vemos, mas um interpretativo que dá expressão a idéias e sentimentos.

Para realizar essa obra, Pennacchi foge dos processos convencionais sem cair nos excessos do modernismo, conciliando o clássico e o moderno, a fim de chegar à forma de expressão adequada a sua personalidade... e consegue plenamente seu intento, numa série de excelentes trabalhos que o coloca entre os verdadeiros valores da moderna pintura paulista. ...um pintor atento aos problemas da pintura, atacando com pureza as naturezas-mortas e as flores.

...afastada a fórmula cômoda, o pintor alcança soluções sutis, gostosas de muito bom gosto. Há ainda que louvar seu desenho consciencioso e que constitui, talvez, a melhor qualidade deste pintor que expõe com êxito no prédio da Itá.

**Sergio Milliet (da Costa e Silva), 1944.**

“...há muito Pennacchi não expõe. Durante todo esse tempo esteve afastado do alarido que a improvisada crítica vinha fazendo com os seus ‘artistas prediletos. Agora não é mais possível mantê-los no cartaz, pois começou uma criteriosa revisão de valores. ...assim, os verdadeiros artistas começaram a reaparecer,

como que a dar conta ao colecionador e ao público do que fizeram durante todo esse tempo em que referveu a bambochada. ...a Pennacchi muito deve, também, a chamada arte moderna em nossa terra”.

**Quirino da Silva, 1964.**

“...a retrospectiva de um artista é história. O pintor que hoje honramos já está naquelas páginas. Artífice de afrescos, ilustrador da vida dos povoados do interior, do tempo em que para lá viajava, retratista, ceramista, mestre. ...dono de um profissionalismo escrupuloso, laborioso, sem lazer, isolado e forte no esquivar-se aos fáceis barulhos da publicidade tamborejante e fastidiosa, renunciando aos compromissos não cabíveis com a própria consciência, perseguindo firme seus ideais morais, Fulvio nos faz pensar naqueles artistas de sua terra natal que, honestos e persistentes, atenderam ao trabalho sem se impressionar se seus modos podiam parecer superados»

**Pietro Maria Bardi, 1973.**

“...quando da sua retrospectiva foi fácil, a todos que duvidavam da força de sua obra, conhecer um pouco da capacidade realizadora desse artista incansável na feitura de uma criação angelical com base no nosso próprio regionalismo... são pinturas de mestre, de conhecedor profundo do que é composição»

**Ivo Zanini, 1973.**

“Esta exposição reunindo trabalhos de épocas diversas, é capaz de mostrar um pouco do artista e de seu labor diário. ...mostra um artista à procura daquele momento em que o personagem ou a cena se revela na sua intimidade ...aquele ponto em que o pintor e o assunto convivem numa rara afinidade.

Esta é, na verdade, a característica de seus trabalhos.

Dentro disso, a integridade do artista parece imensa, principalmente quando contemplamos tantos trabalhos de tantas épocas. Em todos eles perpassa a mesma intenção. Pennacchi é amigo da vida que retrata. É um pintor de coisas íntimas e serenas, um artista do pequeno momento, da cena diária, do gesto caseiro.”

“...Pennacchi, artista de sólida formação, integrou-se e vivenciou o Brasil e nos trouxe uma contribuição retirada das próprias raízes humanas e folclóricas de seu país de adoção. Pennacchi, pintor brasileiro, tem lugar garantido na crônica do Brasil rural. E na nossa pintura religiosa ele é um dos poucos artistas com alguma coisa de sério a dizer.”

**Jacob Klintowitz in «Pennacchi, o Doce Pintor do Gesto Caseiro»,  
O Estado de São Paulo, 1973; 1979.**

Retrospectiva de Pennacchi - MASP

«Transmite nas cenas religiosas o humano dos santos, não para diminuí-los na sua santidade, mas para irmaná-los aos homens.»

**Aldo Bonadei, 1973.**

“...a pintura de Pennacchi não é nem realística nem primitiva à maneira desenvolvida de tantos fingidos ingênuos que dela aproveitam para disfarçar sua congênita incapacidade de pintar: é uma transfiguração poética da realidade.

“...num feliz contexto de cores, gestos e atitudes dos quais brotam imagens interiormente recriadas das coisas observadas uma meditada harmonia induzida na desordem incôscia dos aspectos naturais. E esta é, e sempre foi, a essência da arte.”

**Emilio Mazza, 1973.**

(...) Nossa Senhora da Paz, ao contrário da maioria de outras representações estéticas da Virgem Maria, não tem coroa de ouro, vestes bordadas ... humanizada, ele usa roupas sóbrias e simples, de algodão. E sua grandeza é aquilo que representa: A Paz»

**Olney Krüse; 1973.**

Suaves filigranas de um mestre

“...embora nascido na Itália, Pennacchi se apaixonou pelo país de adoção a ponto de o representar quase que sistematicamente em sua obra ...”

**Olívio Tavares de Araújo, 1980**

“Esse artista que, tendo o privilégio de chegar à velhice, jamais se corrompeu esteticamente. Estabeleceu um caminho e tratou de cumpri-lo, sem perturbar-se com o modismo (cifrões) da maioria dos outros ‘artistas. Um herói!

Pennacchi pinta o cotidiano. Mas, no aparentemente banal, está impregnada uma pacífica sensação de espiritualidade, de equilíbrio entre matéria e espírito, algo tão difícil de encontrar nesta corrupta e corruptível cidade de São Paulo, estragada pelos homens ...

A obra do mestre Pennacchi foge da ópera, ignora o musical hollywoodiano para ser, apenas e gloriosamente, uma música de câmara. Ou melhor que isso. É como se um anjo, no cair da tarde, sobrevoasse os campos da Terra com uma trombeta. E deixasse sobre os homens, na Hora do Ângelus, a paz ou algo parecido com a música, certamente divina, de Vivaldi»

**Olney Krüse, 1987.**

“Pennacchi é, nos últimos vinte anos, um lírico fabulador... delicado, suave, levemente colorido! Seria inteiramente errado, entretanto, confundir sua delicadeza, suavidade e lirismo com qualquer tipo de ingenuidade primitiva. Fulvio Pennacchi é um pintor sabidíssimo, no melhor sentido da palavra. Sua simplicidade é a opção de quem domina completamente o metiê. A mão de Pennacchi não treme, seu olho continua sensível às cores. O clima do conjunto é sereno e respeitável”.

“A noite é rica, ainda que na favela  
O balão central, dominante, rodeado de meninos  
O morro grimando ao fundo ladeiras de casebres  
E árvore, e poste, e galinhas ciscando.

No popular, a vida se povoa sempre.  
Inclusive das celebrações que naturais a balizam, alegremente.  
O recado está dado: viver não cansa.”

**Ricardo Ramos in «O Redescobrimento do Brasil»  
Mostra na Ranulpho, Galeria de Arte, em São Paulo, 1987.**

“Gosto muitíssimo da luminosa simplicitas de Pennacchi: o seu modo de ver e mostrar as coisas<sup>2</sup>.”

**Josef Piper, 1986.**

---

<sup>2</sup> O conceito de “simplicitas” central na tradição clássica do pensamento ocidental refere-se, antes de mais nada, à sentença evangélica: Se teu olho for simples, todo o teu corpo estará na luz (Mt 6,22). Uma tal “simplicitas” do espírito é condição de captação do objeto, fonte e princípio da arte e do filosofar autênticos. Prof. Dr. Luiz Jean Lauand, 1986.

«...É raro que um artista tenha clara consciência do alcance filosófico de sua arte: um pintor pinta e não filosofa. A Reflexão filosófica lida com conceitos; a arte, com formas sensíveis e concretas.

No entanto, há casos excepcionais de pintores que rompem o circuito realidade-sensibilidade-obra de arte. Ampliam-no: realidade-sensibilidade-obra de arte-consciência reflexiva. É o caso de Fulvio Pennacchi. Sempre me surpreendeu o modo como esse pintor atina com o complexo conceito filosófico-teológico da Criação, de fato central em sua arte.

...Vita e Amore, uma poesia composta por Pennacchi em 1942 excede toda e qualquer expectativa de sintonia com o que de mais essencial tem ensinado a tradição de pensamento ocidental a respeito do homem... Felicidade e contemplação, felicidade é contemplação: eis uma tese em que unanimemente coincidem os quatro grandes da tradição ocidental: Platão, Aristóteles, Agostinho e Tomás ...Precisamente isto é o que é evidenciado pelas pinturas e cerâmicas de Pennacchi (e não me refiro aqui ao artista sacro): saber ver a realidade simples e cotidiana... e surpreender aí o próprio fundamento do mundo: tudo o que é, é bom; é amado por Deus. E mais, é porque é amado por Deus.

E Pennacchi o expressou já há quase 50 anos:

### Vita e Amore

Como me encanta o ver;  
em torno a mim é sempre tudo novo,  
Sempre nova é a gente que passa e brinca,  
E chora e sorri: o cão late,  
A árvore dá fruto, os pássaros cantam alegres e rumorosos,

Gosto de estar só, contemplando com vagar  
As belezas eternas da Criação,  
Se leio me aprisiono em um mundo, feito por um homem,  
Livre, que belo, estar no campo,  
viver no mundo do Criador,  
Mundo que freqüentemente parece triste,  
Mas que em essência é todo feito de amor!

**Prof. Dr. Jean Luiz Lauand,**  
in “Fulvio Pennacchi: 60 anos de pintura e sabedoria”; O Estado de São Paulo, 24.03.1987

Exposição do Grupo Santa Helena – MAM

“Pennacchi era a reserva religiosa do grupo. Um artesão formado pela Academia de Lucca, capaz de manter viva a tradição do afresco mural; o pintor italiano



reelaborou a sintaxe da pintura renascentista. Mais: foi uma espécie de Tarkovsky da pintura, capaz de comover o mundo ateu com suas extemporâneas figuras de santos.”

**Antonio Gonçalves Filho, 1995**

“... ali, a casa cercada por jardins é a reconstituição saudosa de uma Toscana perdida, é a concreção ansiosa do desejo de recuperar o silêncio dos velhos solares florentinos. ...Pennacchi não apenas cria a residência e povoa-a com seus afrescos quase sempre de temas piedosos e quase sempre italianos.

Não: ele concebe os móveis principais, seus utensílios mais cotidianos, desenha os temas das almofadas, toalhas e lençóis que em seguida sua mulher irá bordar.

Sua residência, pensada em sua totalidade, sem dúvida é o momento culminante da obra do artista, momento em que ele expande para a realidade concreta a espacialidade alusiva de sua obra pictórica.

Ao que se sabe, nenhum outro artista no Brasil foi tão radical quanto Fulvio Pennacchi nessa empreitada de estetização da própria vida. Sua Itália idealizada, mais do que em sua fase santelenista, ganhava cada vez mais ares de brasilidade. Suas obras tardias tentavam recriar no plano da visualidade, um país ideal — misto da terra longínqua de seus pais e da terra nova de seus filhos!”

**Prof. Dr. Tadeu Chiarelli, 1999.**

O talento se fez carne e habitou entre nós. Chamava-se Fúlvio Pennacchi (1905-1992) e faria cem anos dois dias depois deste Natal de 2005. Nele, o verbo se fez imagem e se fez vida e sonho.

Em 1942, reuniu ao redor do menino anunciado, o anjo e os pastores da Natividade no presbitério de uma nova Igreja encravada ao pé da colina de Piratininga. Lugar em que viviam e vivem ainda os mais pobres moradores daquela ponta de várzea desgarrada do Brás proletário. Era para que testemunhassem novamente o nascimento do Filho do Homem, ali na Igreja de Nossa Senhora da Paz, na rua do Glicério nº 225, entre cortiços e casas em ruína, ruas que o tempo povoaria com moradores sem teto, os que não tem onde reclinar a cabeça, catadores de papel, recicladores de lixo, não raro tratados como dejetos eles próprios. Aqueles em cujos olhos já não há lágrimas, em cujo tempo já não há o consolo da esperança.

A Igreja da Paz é a igreja dos migrantes, dos que buscam um lugar no mundo, a igreja de São Paulo em que a Natividade é permanentemente celebrada e no meio dos pobres, a vida anunciada, a esperança proclamada todos os dias nos belos

afrescos de suas paredes. Nas outras, tem precedência o Cristo sofredor da Paixão cruenta.

Na igreja do Glicério, o Cristo dos simples não acusa a nossa consciência. Convida o coração, de quem crê e também de quem não crê, ou crê diferentemente, à comunhão e à paz. É o Cristo da conciliação e da inocência. É impossível não retornar ali para contemplar em silêncio aquele mistério. Pennacchi não convocou os Reis Magos do Evangelho de Mateus, que vieram do oriente trazendo incenso, mirra e ouro para o recém-nascido. Preferiu o Evangelho de Lucas, para encontrar ao redor de Jesus Menino, de Maria e de José os pastores da noite. Entre os que visitam o menino despojado que repousa sobre o nada do chão, está uma mulher com uma criança no colo. É a última dos últimos no mural, o lembrete da profecia de nossas folhas-do-Divino, de que o rei nascerá do povo.

Há no belo afresco um evangelho segundo Pennacchi. Esse inspirado toscano de Vila Collemantina, Lucca, Itália, veio para São Paulo em 1929 tentar a vida. Fora aluno do Real Instituto de Belas Artes, de Lucca. Em São Paulo, com irmãos, foi dono de dois açougues. Disso vivia. Seis anos depois, foi dos primeiros membros do Grupo Santa Helena. Compartilhou sala com Reboló no edifício da praça da Sé.

Sua obra contém símbolos precisos de sua concepção de povo brasileiro: a viola e o violeiro, o cachorro companheiro do caipira, as galinhas no terreiro, a bandeirola de um santo junino no mastro, onde por tradição se prende a espiga de milho da primícia, a primeira colhida, o primeiro fruto do trabalho e da terra, a oferenda. Um cachorro magro ouve atento o violeiro num detalhe dos afrescos do Hotel Toriba, em Campos do Jordão, apreciando seu naco de música.

Pennacchi suavizou as cores e formas do Brasil para anunciar a beleza dos simples.

**José de Souza Martins**

**Professor titular de Sociologia da Faculdade de Filosofia da USP**

Alguns anos atrás, por ocasião da exposição comemorativa do cinquentenário da vinda de Pennacchi para o Brasil, escrevi: «...pela sua sensibilidade, talento e simplicidade, Pennacchi transformou-se no intérprete plástico do poético e bucólico mundo da gente humilde do campo».

Hoje, melhor entendo sua vida e obra, e diria que ele foi «um intérprete da vida» do campo ou da cidade. Retomando Goethe conceitualmente, Pennacchi certamente não “peregrinou nas Barbizon e Fontainebleau tropicais”, seja por ilusão de chegar a algum lugar, seja pela de descobrir algo novo. Aqui veio para

**Valerio Pennacchi-Pennacchi; segunda-feira, 15 de dezembro de 2008.  
FP na WEB – Principais Críticas**

viver enquanto viajava, para compreender o que via contemplar e dar forma às descobertas propiciadas por sua experiência.

A vida-obra de Fulvio Pennacchi é a experiência da “descoberta do seu Brasil” absorvido e decodificado pela ótica do universal, do eterno.

**Valerio Pennacchi, 1980**

Visita a Fulvio Pennacchi

“...sabendo que a doença se havia agravado, fui visitá-lo juntamente com Padre Cláudio. Ele se encontrava imóvel no leito, sereno, silencioso e preparado para o grande passo. Rezamos muito e lhe demos a Bênção dos Enfermos.

A seu lado, sempre atenta a fiel esposa, Filomena Maria, que com muita dignidade e doçura o contemplava com os olhos do primeiro encanto.”

**Padre Orazio Cappellari, 1992**

Pennacchi,

Como homem... nos deixou o exemplo de vida em constante construção, pautada por coragem e caráter sem recuos, trabalho, perseverança na busca e conquista de seus ideais, amor a Deus, a seu próximo.

Como artista... nos transmitiu uma obra em que estavam presentes os arquétipos da sua tradição toscana, a rigorosa e séria releitura da tradição acadêmica aliadas às profundas reflexões sobre a Criação!

**Valerio Pennacchi; 2002**